



**José Eduardo Franco (CLEPUL), Ana Catarina Rocha (CLEPUL),**

**Título da comunicação:** *A Indústria do Sonho Mutualista: da criação à falência de associações de socorros mútuos dentro do movimento operário português (1838-1911)*

**Resumo:** Foi o movimento operário português, sobretudo operários instruídos e com consciência social e política, que esteve na base da formação de uma consciência de uma nova classe que, por sua vez, impelida por um espírito de associativismo bastante presente na época, esteve na base da criação de associações de socorros mútuos especificamente pensadas para fazerem face às múltiplas adversidades inerentes à vida laboral do sector secundário.

Em 1838, Lisboa vê nascer a primeira associação mutualista deste movimento. Para além desta Sociedade dos Artistas Lisbonenses, a preocupação pelo melhoramento das condições laborais e de vida do operário dá origem a novas associações, como a Associação dos Operários (1850) ou o Centro Promotor do Melhoramento das Classes Laboriosas (1852), um importantíssimo órgão para o desenvolvimento do próprio movimento operário e para a produção de reflexão de um problema que a passagem dos arquétipos do mundo do trabalho do Antigo Regime aos da indústria colocava à sociedade portuguesa do século XIX. A data da sua criação inicia uma fase em que o movimento se apoia grandemente na ajuda mútua para dar resposta à carestia de vida e a problemas relacionados com contingências como o desemprego ou acidentes laborais, que de nenhum outro modo estariam asseguradas. Até 1872 são fundadas inúmeras associações de socorro mútuo por e para operários.

Não obstante esta fase inicial em que o mutualismo é bastante expressivo dentro do movimento, ele vai gradualmente perdendo força em detrimento de organizações mais reivindicativas inseridas no movimento sindical. As sucessivas crises pela qual a própria indústria foi passando, as convulsivas mudanças ideológicas que se fizeram sentir em

todo o mundo consolidadas nesta emergente e cada vez mais representativa classe social, a do proletariado, o encarecimento da vida como o ágio do ouro (desde 1890-1891), a crescente política de mecanização da indústria por parte dos industriais, as mudanças políticas pelas quais Portugal chegou até à República fizeram com que o malogro do mutualismo fosse a fortuna do sindicalismo no que toca às lutas do movimento operário. O mutualismo ganha novo fôlego no alvor da Primeira República, como comprovam as teses do I Congresso Nacional de Mutualidade (1911), para mais tarde o perder.

No entanto, a primeira fase e depois a fase dos primeiros republicanos vieram desenhar um sonho para o mundo proletário em que o mutualismo poderia ser a solução para todas as adversidades que este enfrentava. Este trabalho pretende precisamente perceber em que medida essa solução mutualista foi pensada e posta em prática por e para o proletariado, quais as causas que estiveram nas origens do seu fugaz sucesso, bem como as da sua falência (ou desfalecimento?), confrontando com outras propostas de associações de socorros mútuos fundadas e pensadas para outras classes laborais, do sector terciário (a dita classe média) e que aparentemente vingaram até ao dia de hoje.

**Palavras – Chave:** Movimento Operário; Indústria; Mutualismo; Sindicalismo.